

Europa e Japão vão pedir aos EUA nova estratégia para dívida

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Europeus e japoneses preparam-se para contestar a tática de curto prazo adotada pelos Estados Unidos em relação ao problema da dívida dos países em desenvolvimento. Pela primeira vez na história das reuniões de cúpula dos sete países mais industrializados do mundo, os norte-americanos serão pressionados a alterar sua posição, pois seus principais parceiros são favoráveis a uma estratégia diversa, isto é, defendem soluções mais a longo prazo dos problemas do chamado Terceiro Mundo.

A maior parte dos países europeus já havia antecipado sua posição na recente reunião da OCDE em Paris, quando Jacques Delors, ministro da Economia da França, apoiado por diversos colegas europeus, manifestou sua oposição à política norte-americana, criticando principalmente as elevadas taxas de juros as quais comprometem os esforços das nações pobres que procuram reequilibrar sua catastrófica situação econômica.

A grande surpresa, porém, surgiu no final da semana com a posição assumida por 11 países em desenvolvimento da região asiática, delegando ao Japão a defesa de seus interesses na próxima reunião de cúpula de Londres. Esse acontecimento está sendo interpretado, em Paris, como o nascimento de mais um grande "supergrande", pois o Japão já era considerado um gigante financeiro e industrial, mas agora passa a ser considerado também um gigante político. A importância é ainda maior quando se constata que a Índia faz parte desses 11 países em desenvolvimento que delegaram poderes de porta-voz ao Japão.

"O futuro da Ásia está ligado ao do Japão". Essa frase de 1943, pronunciada pelo então primeiro-ministro do império japonês, Hideki Tojo, volta a ser atual. E verdade que se passaram 40 anos e que o Japão, transformado em força de autodefesa, não ameaça mais ninguém no plano militar. Mas, no plano político, a decisão desses países — comunicada ao ministro do Exterior, Shintaro Abe, na última sexta-feira — até há poucos anos seria considerada imaginável.

"APAGAR AS SEQUÉLAS"

Birmânia, Bangladesh, Fidji, Índia, Malásia, Nepal, Paquistão, Nova Guiné, Filipinas, Sri Lanka, e Tailândia contam com o Japão para representar seus interesses políticos e econômicos em Londres. O embaixador filipino disse que espera ver o Japão defender a posição dos países em desenvolvimento, notadamente em relação aos problemas do endividamento externo e à luta contra o protecionismo. A participação japonesa na reunião de Londres ganha uma inesperada importância, uma semana antes de sua abertura, pois esse país foi alçado à posição de líder

regional e representante do bloco asiático diante dos outros seis grandes industrializados.

Essa tentativa japonesa começou a se materializar quando da chegada ao poder do atual primeiro-ministro, Yasuhiro Nakasone. Tão logo assumiu, passou a proclamar a necessidade de "apagar as sequelas do passado", procurando superar a desconfiança dos países da região — em muitos dos quais o Exército imperial japonês cometeu, durante a Segunda Guerra, grandes atrocidades.

Nakasone, em diversas oportunidades, repetiu também que o Japão não mais tem ambições militares, mas estava pronto a assumir suas responsabilidades de segunda potência industrial para trabalhar pela paz e estabilidade dos países da região. É para essa região que se destinam dois terços não só da ajuda ao desenvolvimento, mas, também, dos investimentos e créditos concedidos pelos japoneses. Em 1983, o Japão concedeu à Coréia do Sul cerca de US\$ 4 bilhões de créditos a taxas de juros baixas. Este ano, o país beneficiado foi a China, com US\$ 6 bilhões.

Essa influência japonesa na área e um tratamento diferenciado que vem sendo promovido já começam a frutificar, pois a economia do continente asiático portou-se melhor do que as da África e da América Latina no ano passado, mesmo subsistindo ainda sérios problemas financeiros. Isso teria estimulado o Japão a dar um passo político importante às vésperas da reunião de cúpula de Londres, caracterizado pela declaração do ministro do Exterior, Shintaro Abe: "Numerosos países esperam que o Japão desempenhe um papel mais relevante na solução dos problemas Norte-Sul. Nós pretendemos conduzir os outros participantes da reunião de Londres a promover o diálogo Norte-Sul e a cooperação".

CRITICISMO

Trata-se uma posição ambiciosa do Japão, mas que contará com o apoio de alguns dos principais países participantes cujos dirigentes pensam de forma semelhante.

A posição japonesa é tida como ambiciosa apesar de válida, por muitos especialistas internacionais, que não escondeem certo ceticismo quanto aos progressos que poderão ser obtidos em Londres.

Um dos pontos mais delicados diz respeito a prazos e taxas de juros. Ora, o secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, continua rejeitando toda idéia de estabelecer teto para as taxas de juros de créditos bancários, apesar do apoio do presidente da Reserva Federal, Paul Volcker e do próprio presidente do Banco Mundial, Alden Clausen. Por enquanto, os Estados Unidos ainda insistem na sua tática de curto prazo, rejeitando a estratégia de longo prazo reivindicada pelos países em desenvolvimento e já aceita pelos europeus e japoneses.